

# O Internacionalismo em Guimarães Rosa

## O caso alemão

Luiz Carlos Abdala Junior<sup>1</sup>

**Titel:** Der internationalismus in Guimarães Rosa. Der deutsche Fall

**Title:** The internacionalism in Guimarães Rosa. The german situation

**Palavras-chave:** João Guimarães Rosa – Curt Meyer-Clason – estudos da tradução

**Schlüsselwörter:** João Guimarães Rosa – Curt Meyer-Clason – translation studies

**Key-words:** João Guimarães Rosa – Curt Meyer-Clason - Übersetzungswissenschaft

Ao se observar a correspondência entre João Guimarães Rosa e seu tradutor alemão, o desejo de Rosa em ter sua obra traduzida para língua alemã é perceptível. Em entrevista ao crítico alemão Günter Lorenz, em 1965, o autor havia dito que “*não do ponto de vista filológico mas do metafísico, no sertão fala-se a língua de Goethe*”. Antes disto, o autor já havia exercido a função de Cônsul-adjunto do Brasil em Hamburgo, Alemanha, do ano de 1938 a 1942, estabelecendo assim uma relação social, cultural e linguística com aquela língua. Rosa estudou o alemão, torna-se leitor de seus grandes autores, como Goethe e Schiller, e em sua mais notória obra, Grande Sertão: Veredas (1956), utiliza como eixo temático o pacto fáustico, tema tradicional dentro da literatura e cultura popular de língua alemã.

Logo em sua primeira carta direcionada a Curt Meyer-Clason, reunidas no livro “*João Guimarães Rosa: Correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason*” (Nova Fronteira, Academia Brasileira de Letras e Editora UFMG), Rosa explicita seu desejo pela tradução de seu romance (Grande Sertão: Veredas) tecendo o

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras – Português/Alemão com ênfase em Estudos da Tradução na Universidade Federal do Paraná ; Email:luizabdalajr@gmail.com

seguinte comentário: “A tradução e publicação em alemão me entusiasma, por sua alta significação cultural, e porque julgo esse idioma o mais apto a captar e refletir todas as nuances da língua e do pensamento em que tentei vazar meus livros”. Na realidade, tal entusiasmo e preocupação de Rosa com a tradução de seus livros para o alemão irá se manifestar ao longo de todos os anos em que o autor e seu tradutor se correspondem. Rosa não somente expressa desejo, mas também participa ativamente do processo tradutório de suas obras, lendo e comentando atentos aos manuscritos que Meyer-Clason lhe envia, sugerindo alterações, elogiando o trabalho do tradutor e manifestando anseio para que a tradução logo seja lançada ao público. Posteriormente, através da Embaixada brasileira na Alemanha, Rosa concederá bolsas para que Meyer-Clason possa se dedicar exclusivamente às traduções de seus livros, assim como também a assistência de Mário Calábria, Cônsul-geral do Brasil em Munique e amigo pessoal do autor, de forma que esse possa auxiliar o tradutor em sua interpretação do complexo texto roseano e indicar sugestões de tradução.

É a partir dos anos 1960 que Guimarães Rosa tem sua primeira recepção no espaço de língua alemã. Nessa década, são traduzidas as obras *Grande Sertão, Roman* (Kieperheuer & Witsch, 1966), *Corps de Ballett* (Kieperheuer & Witsch, 1968) e *Das dritte Ufer des Flusses* (Kieperheuer & Witsch, 1968). Em carta de Curt Meyer-Clason (tradutor de todas as obras) de 22 de Abril de 1965 (ROSA, 2003, p. 284), é evidenciado como editores e críticos literários europeus já consideravam Rosa um dos mais inventivos e importantes nomes da literatura contemporânea, e neste sentido, a recepção de Rosa em língua alemã não passou completamente invisível, ainda que pouco tenha sido comentado neste sentido.

Não é somente com seu tradutor alemão que Rosa mantém contato e vínculo. Também temos publicadas as correspondências entre Guimarães Rosa e seu tradutor italiano, Edoardo Bizarri (Nova Fronteira, 2003), assim como há notícias de trocas de informação entre o autor e demais tradutores, como a tradutora do “Grande Sertão: Veredas” para a língua inglesa, Harriet de Onís ou o tradutor para o francês J.J Villard. Em suas correspondências com Meyer-Clason, Rosa fornece para o tradutor amostras de outras traduções, assim como também lhe dá notícia sobre o andamento de tais trabalhos, mostrando-se assim um autor em alto contato e atividade com a circulação de

sua obra no cenário internacional e zeloso no dizer respeito com a apresentação de seu trabalho no exterior.

São visíveis então, ambos movimentos, um de busca de Guimarães Rosa pela internacionalização de sua obra em uma outra tradição, em outro espaço literário, e a recepção, leitura e experimentação dentro dessa tradição, através da figura do tradutor como eixo desta movimentação. O tradutor, ao mesmo tempo que prepara a obra de Rosa para ser recebida na tradição de língua alemã, pensando nos pressupostos das literaturas destes países, prepara o leitor da língua alvo para emergir em uma realidade que a ele é completamente inimaginável, isto é, se deparar com imagens, idiomatismos linguísticos e culturais, experiências geográficas, históricas, políticas e estéticas de um romance brasileiro recriado na dimensão das letras de língua alemã.

Na “República Mundial das Letras” (Estação Liberdade, 2002), da pesquisadora francesa Pascale Casanova, a autora discorre sobre o conceito de “capital literário”, apropriado dos “capitais” de Pierre Bourdieu, ao qual estão associados certos polos literários que determinam as regras do “jogo”, isto é, do espaço literário internacional. Para a autora, existem espaços geográficos e linguísticos em que os recursos literários acumulados, ao longo de suas tradições, das traduções, da produção e de suas instâncias legitimadoras (como premiações e academias), são maiores que os recursos de outros espaços, menos providos destes mesmos recursos, de maneira em que o cenário literário mundial está constantemente desequilibrado, em conflito e competição. A autora nos mostra como se dão os conflitos que tangem a República Mundial das Letras, como, por exemplo, as estratégias, modos de existência, produções, temas e fatores estéticos que os escritores dos países mais periféricos do mapa literário utilizam-se para alcançar a modernidade literária ou então a recusar, o tecido da experiência e produção literária enquanto relação internacional. Segundo Pascale, os escritores que buscam a modernidade são, conseqüentemente, escritores transnacionais, que não estão em dever à uma estética regional ou nacional, assim como a uma causa intrinsecamente política de seu país, não significando que estes mesmos escritores não sejam políticos, mas de que suas obras não se resumem a somente esta dimensão. Para estes, a autonomia literária é seu objetivo, conquistada, no caso de escritores advindos de países desprovidos de recursos e capitais literárias, pela subversão das regras de seu espaço nacional literário e/ou dos grandes polos internacionais, como os polos europeus e, mais

especificamente, o poder que exerceu a polo de Paris do século XIX e XX. Nesse sentido, a autora aborda a visão estrutural do espaço literário enquanto um mapa de conexões ao qual, desse modo, torna-se proveitoso para repensar os movimentos de Guimarães Rosa e Curt Meyer-Clason nesta relação entre o espaço literário do português-brasileiro e alemão.

O escritor traduzido Rosa apresenta-se como um escritor internacional, que está em consonância ao tempo da culturalidade e intelectualidade europeia. Rosa demonstra certa autonomia frente às esferas meramente nacionais de literatura, partindo principalmente das suas escolhas temáticas e estéticas. De um pretense regionalismo a partir da construção do “sertão”, o nível geográfico-simbólico que atravessa as obras de Guimarães Rosa está repleto de ressonância com mitos e símbolos da literatura universal, ainda que isso não seja fator para estabelecer a literatura de Rosa neste gigante eixo do “universal” e deixar de apontar a diálogo que esta produção mantém com a própria tradição literária brasileira, como relações com o barroco e as experiências modernistas, que se misturam, dialogam e se constroem nesse movimento trans histórico-nacional.

Ao que parece, a posição em que Rosa se coloca, no gesto de buscar ter sua obra traduzida em diversos idiomas, não é a de um gesto passivo, mas de uma atitude consciente em que o autor, que vendo na tradução a possibilidade da enunciação de sua obra para além da historiografia nacional, a utiliza para revisar a sua posição dentro desse próprio polo nacional e se lançar para um circuito internacional de modernidade. O contato com instâncias consagradas da modernidade europeia permitiria, no caso de Rosa, o alcance de sua obra a outros níveis de interpretação, transformação e circulação. O escritor, e vale lembrar a título de nota, também diplomata, já está em contato direto com outros polos culturais para além da esfera do nacional. Não à toa, em sua própria linguagem, a presença deste outro estrangeiro é manifestada em determinadas formas, como aponta Haroldo de Campos em entrevista. Cita este, por exemplo, o nome de um dos jagunços de Riobaldo: “Esmarte”, tal composição é um tipo de tradução, extremamente sofisticada, do adjetivo “smart”, do inglês. Reunindo, assim, em sua literatura, o que o próprio Haroldo denomina como “omelete ecumênico”, um repertório extremamente atravessado pela presença do outro-estrangeiro, em seus níveis

linguísticos, inventivos e temários, e que acaba se tornando obscurecida na interpretação de seu texto como mero “regionalismo”, como parte da crítica direcionou seu trabalho.

Tal projeto internacional de Rosa não é possível sem a figura do tradutor. No caso da Alemanha (apesar do também forte papel exercido pela ideologia do Nacional-Socialismo na Áustria), o autor é publicado, vendido e criticado em um país que acabara de sair de uma devastadora guerra e ainda lida com resquícios da ideologia do Nacional-Socialismo dentro da cultura popular e de suas instituições. Não só Rosa, mas a segunda metade dos anos XX é marcada pela tradução à países da Europa de inúmeros escritores latino americanos (inclusive, Meyer-Clason traduz ao alemão nomes como o de Gabriel Garcia Marquez e Octávio Paz), autores que chegam neste espaço e trazem renovações de ordens estéticas, formais e temáticas da literatura ocidental. O papel central do tradutor, aqui, não é o do mero transportador, mas o de um renovador da tradição. Ao traduzir Rosa, Meyer-Clason também o coloca em circulação em outro espaço literário, espaço este consagrado no cenário canônico internacional, marcado pelas suas próprias formas, injetando o texto roseano dentro do que, para citar Jauss (1994) em sua estética da recepção, seria o “horizonte de expectativa” de língua alemã, ao mesmo tempo que esse horizonte é constantemente renovado com a presença da obra estrangeira, isto é, é colocado constantemente em movimento e transformação. Não somente a obra de Rosa se transforma ao ser lida em alemão, nas possíveis outras interpretações que a tradução, ao criar esse outro texto, isto é, não mais o texto em português do original, mas esse outro texto autônomo em alemão, que configura também uma outra literatura, ainda que em relação com seu texto original, de modo que o espaço literário para o qual tal obra é direcionada e circula também se transforma, em um movimento de duas mãos em que tanto o texto original e sua tradução quanto os espaços pelos quais tal texto circula, é interpretado, comentado e vinculado a um certo tipo de quadro literário dentro da historiografia e pela instituição literária (academias, centros de apreciação, repertório historiográfico, tradição, crítica, etc) são postos em movimentos, revisados, repensados, transformador a partir da defrontação frente ao estrangeiro. Como no movimento da *Bildung* dos clássicos e românticos alemães, tais como o próprio Schiller e Goethe estudados por Rosa, trata-se de ir ao outro para re-conhecer a si mesmo. E o tradutor, em sua renovação, está centralmente posicionado nesta equação, como agente consciente de transformação e de encontros e desencontros. Isto, então, nos oferece um ponto de discussão para nossa pesquisa, este é, até que ponto a literatura de Rosa e

latino americana, através da tradução, pode ter contribuído para uma certa reorganização de um espaço literário, editorial e intelectual nos países de língua alemã do pós guerra? Considerando, para além da reintegração dos escritores exilados durante a Segunda Guerra Mundial, o alto aumento de traduções que as casas editoriais alemãs publicaram, no período seguinte, estaria em conta a operacionalização de um movimento fundamental na formulação de uma nova modernidade crítica e literária alemã, a re-inserção do país dentro da modernidade cultural europeia, assim como o desenvolvimento de um tipo multiculturalismo deste novo período político?

Discutindo o papel de autor e tradutor nesta relação entre dois espaços literários distintos que ao mesmo tempo que se confundem e se incorporam, a busca pelo aprofundamento das questões relativas à recepção da obra de Guimarães Rosa em língua alemã, de maneira a entender o papel desse autor nos cenários literários do idioma alemão, bem como seu gesto internacional como um gesto autoconsciente, sendo o modelo da tradução, para ele mesmo, um potencializador de seu movimento enquanto escritor e enquanto produtor literário dentro do modelo autônomo do sistema artístico da modernidade, parece então serem produzidos desdobramentos na própria revisão historiográfica deste escritor na tradição de literatura brasileira. Nesse ponto, compensa trabalhos, realizados por outros pesquisadores, que buscaram dimensionar a presença de Rosa em sua tradução para a língua alemã.

Por um lado, Eliane Amarante Mendonça Mendes, no seu artigo “A recepção da obra de Guimarães Rosa na Alemanha e Itália”, Mendonça parte de uma viés da crítica como parâmetro mais confiável para o estabelecimento da dimensão da recepção de Rosa na Alemanha. Para ela, a leitura e recepção Guimarães Rosa na Alemanha se deu em conjunto com estouro do chamado “Boom-latinoamericano” nas casas editoriais européias. Tal atenção da crítica internacional, voltada para a produção e inovação estética e temática da literatura latino-americana, favoreceu a circulação da primeira recepção do autor brasileiro na Itália e na Alemanha. Apesar do favorecimento, o boom latino-americano também reduziu as chaves de leitura da obra de Rosa, encaixando a obra do autor na configuração genérica do que se entendia então como “realismo mágico”. Mendonça documenta, só para a primeira recepção Grande Sertão, a presença de 18 artigos em diversos jornais alemães sobre a obra, assim como uma entrevista com o autor no jornal Die Welt e um artigo de Meyer-Clason na Humboldt. No total, foram

constatados, na Alemanha, a presença de 33 publicações sobre o escritor Guimarães Rosa, sendo 29 artigos em jornal, duas entrevistas com o autor, uma tese e um artigo do tradutor sobre suas traduções.

No artigo “Guimarães Rosa na Alemanha - Metafísica enganosa”, Marcel Vejmelka, procura dimensionar a presença de Rosa, especificamente na Alemanha, a partir dos efeitos que, a tradução e interpretação da obra do escritor nos circuitos de crítica alemã, influenciaram no horizonte de expectativa de seu leitor estrangeiro. Para Vejmelka, a recepção alemã fora distorcida a partir de uma projeção e unicidade e “totalidade” que seus críticos e mediadores, tais como Günter Lorenz, promoveram. Uma interpretação “mítica e metafísica” que até hoje reverbera na análise na obra de Rosa como esse lugar da “expressão orgânica e unívoca de uma certa brasilidade”, uma expressão totalizante do ser brasileiro, diferenciando-o do ser dos outros países latino-americanos, negligenciando o assim, em prol de um “metafísica”, de um “phatos emotivo” de caráter pouco explicativo e bastante vago, o aspecto material das vinculações poéticas e de tradição (o barroco, o modernismo, as grandes temáticas da literatura internacional, a oralidade, o gesto regional-internacional de uma literatura autônoma, etc) que estavam em relação, conexão, trocas, assentavam e fomentavam a produção literária de Guimarães Rosa em seus níveis de linguagem. Desse modo, discorre Vejmelka a partir da análise crítica de Marin Franzbach, crítico alemão que realizou uma análise da tradução de Guimarães Rosa para o alemão, não haveria, para o leitor alemão, um lugar de “assentamento”, de fundação, um ponto de partida para a leitura da poética roseana em tradução. A redução ou ausência da tradição que envolve Rosa, na sua publicação alemã, o nublou nessa categoria da “metafísica universal” e produziu uma lacuna ao leitor de língua alemã que, não encontrando ressonância de experiência em sua obra traduzida, não pode constituir sobre ela uma possibilidade de afinidade metafísica de qualquer estilo (como os mediadores acreditavam ser possível) pois não haveria um sentimento de aderência do público com a linguagem e mundo, que Franzbach considera “artificial”, criado por Curt Meyer-Clason. Porém, nesse sentido, apesar de Meyer-Clason ter sido um dos principais responsáveis pela interpretação demasiadamente “metafísica”, transcendental e solta da obra de Rosa em alemão, acreditamos ser necessário relativizar as críticas ao projeto do tradutor. Vale lembrar as palavras do Meyer-Clason que, em suas possibilidades de escolhas e interpretação, decidiu por “*inventar a linguagem de Riobaldo*”, preferindo não buscar um tipo de

analogia entre a linguagem de Rosa (ou de Riobaldo, no caso do GsV) com algo já preexistente no alemão ou na tradição literária/popular alemã: *“Na Alemanha não há Sertão, não há Nordeste e não conhecemos a “fala do matuto”. Seria um equívoco qualquer analogia, ou então tentar traduzir, projetar num dialeto de qualquer região rural da Alemanha, o linguajar infantil, o enlevo lúdico, a mistura inconfundível de familiaridade e desconfiança, de melancolia e arbitrariedade. (...) O leitor apenas riria. (...) Para resumir o que é longo: Riobaldo fala uma língua artificial, um idioma livremente inventado pela pena deste seu criado. Uma coisa, a mais importante, ela tem em comum com o original: o phatos emotivo.”* Neste trecho da carta de 22 de Janeiro de 1964 sobre o término da tradução de Grande Sertão, o tradutor demonstra consciência sobre suas escolhas, frente à outras opções que lhe apareciam e poderiam ser consideradas, marcando assim qual fora a baliza de seu projeto.

Os dois artigos aqui trazidos demonstram, a título de exemplo, como demais pesquisadores já vêm a perceber a se debruçar sobre o fenômeno de Guimarães Rosa em língua estrangeira, e nesse sentido, também como a atitude estratégica do próprio escritor em, ao se preocupar intensamente com a circulação de sua obra no espaço internacional, insere a tradição literária brasileira, moderna e autônoma, em contato com outros espaços, tradições e temporalidades, a partir de um movimento tradutório que, não como gesto transportador, mas também re-operacionalizador da tradição, reflete em nossa própria concepção literária, reposicionando e reavaliando, a partir da recepção e do olhar do outro estrangeiro, a forma como nossa própria crítica direciona a análise à Guimarães Rosa, quebrando assim uma seriação nacional em nossa historiografia em prol de uma dinamicidade internacional, polifônica, descentralizada e constitutiva a partir da diferenciação dos lugares e olhares.

## Referências bibliográficas

- CASANOVA, Pascale. **A república Mundial das Letras**. Trad. Mariana Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- MENDES, Eliane Amarante de Mendonça. In: **Veredas de Rosa II**. Org: Lélia Parreira Duarte... [et al.] Belo Horizonte: PUC Minas, CESPUC, 2003.
- JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.



ROSA, João Guimarães. **João Guimarães Rosa: correspondência com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason: (1958-1967)**. Org: Maria A. F. M. Bussolotti; trad. Erlon José Paschoal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Academia Brasileira de Letras; Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

VEJMEKKA, Marcel: Guimarães Rosa na Alemanha: A metafísica enganosa. **SCRIPTA**, Belo Horizonte, v. 5, n. 10, p. 412-424. 1. sem. 2002.

YouTube. Grande **Sertão Veredas: Haroldo de Campos sobre Guimarães Rosa**. Vídeo (44:28) Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=tVTSZbWiyZA&t=1293s>. Acesso: Março de 2017.